



O SÁBIO E EDIFICANTE SILÊNCIO

Nádia Battella Gotlib – USP

RESUMO: Trata-se de um depoimento sobre o Lafetá enquanto estudante de graduação na Universidade de Brasília, em meados dos anos de 1960, quando iniciou suas primeiras pesquisas acadêmicas na área dos estudos literários e participou de atividades políticas contra um rígido esquema de repressão desencadeado após o golpe militar de 1964. O depoimento registra também contatos com Lafetá em São Paulo, onde desenvolveu atividades como estudante de pós-graduação e professor de Letras da USP. Procura-se detectar, ao longo desse percurso, ocasiões em que pude observar um de seus traços marcantes – o do silêncio – em situações diversas e com diferentes cargas de significação.

PALAVRAS-CHAVE: golpe de 1964; política estudantil; repressão política; Universidade de Brasília; Universidade de São Paulo; cursos de Letras.

*À dona Conceição, mãe do Lafetá,
porque nela é que eu pensava
enquanto registrava essas lembranças que aqui vão.*

Conheci o seu filho Lafetá em Brasília, no ano de 1965. Há exatamente 47 anos. Contava eu 18, ele, também, 18. Estava eu no segundo ano da Faculdade. Ele, no primeiro. Éramos moços, alegres, esperançosos. E sonhadores. Entre os sonhos, o de uma universidade nova, reformada, que o ‘vosso’ conterrâneo Darcy Ribeiro consolidava, com enorme entusiasmo e simpatia, além, naturalmente, de renomada competência.

E que existia, ali, bem perto de nós, num ensino de vanguarda, que eu começara aliás, a experimentar em Brasília, mas antes da chegada do Lafetá, no curso clássico. De fato, a experiência do ensino movido a liberdade era totalmente nova para mim, recém chegada de um curso ginásial frequentado num rígido instituto de educação do interior do estado de São Paulo, onde também estudou nosso querido colega Haquira Osakabe – outro querido que se foi precocemente.



Fui iniciada, pois, nesse horizonte amplo de perspectivas pedagógicas inovadoras três anos antes de entrar para a universidade, quando cheguei a Brasília e me vi espantada diante dos professores em fila que nos recepcionavam no primeiro dia de aula em 1961 e que nos perguntavam: ‘- De onde vem você?’ Porque dali não havia ninguém.

Essa atmosfera de aventura, em que ninguém era dali, misturada a muita poeira e muita alegria, foi o que dominou nos primeiros anos de Brasília. E que eu assumi logo, namorando justamente o filho do engenheiro desbravador da região, Bernardo, filho do Bernardo Sayão, num firme propósito de consolidar meu pioneirismo no planalto central...

Nessa escola, todos nós, jovens, se encontravam. Pois havia uma só escola pronta no Plano Piloto, que se distribuía em dois blocos – uma, com os primeiros anos ginasiais, o Caseb, outra, com o colegial, no prédio chamado de Elefante Branco, além das do Núcleo Bandeirantes, berço de Brasília, aliás, tão bem reinventado pelo João Almino no seu romance *Cidade Livre*. Pois nessa escola, o Elefante Branco, a gente passava o dia todo estudando. E se divertindo.

O ensino incluía aulas de literatura integrada, em várias línguas. Se o período era o do Romantismo, então lá vinha aula de literaturas em português, de Portugal e do Brasil, e também aulas sobre esse período que abordavam as literaturas em espanhol, inglês, francês. Havia aulas de teatro e de música, de esportes de várias modalidades e com direito a excursões de cunho educativo por Goiás afora: uma delas, para Goiás Velho.

Pois esse ensino reformado, renovado, revigorador, desenvolvido por professores que apostavam no novo, o Lafetá conheceria, sim, mas já em território universitário. Um ano depois de meu ingresso: em 1965.

Estávamos livres das pesadas carteiras de pé de ferro grudadas ao chão, que nos impossibilitavam de arrastá-las para se acomodar mais perto de certos colegas.

Fora da sala de aula, reinava uma convivência amistosa entre alunos de várias faculdades, graças a um currículo aberto que previa dois primeiros anos



de curso básico. E que nos permitia ter aulas de cinema com o Paulo Emílio, de artes plásticas com Athos Bulcão, no Instituto de Artes e Arquitetura coordenado pelo Oscar Niemeyer, ou de música, em curso dirigido pelo maestro Claudio Santoro, do qual recebi concerto manuscrito por intermédio de minha professora de piano, Nise Obino, antes de desistir definitivamente desse destino e enveredar apenas pelo da literatura...

Infelizmente, quando cheguei à Universidade, Darcy Ribeiro, primeiro reitor da Universidade desde quando foi fundada, em 21 de abril de 1962, já não era mais reitor, pois assumira o Ministério da Educação, cedendo lugar, na reitoria, ao seu mestre e companheiro Anísio Teixeira. Depois do ministério, Darcy Ribeiro assumiria o cargo de chefe do gabinete civil da presidência da República, no governo do Jango Goulart.

Infelizmente também, Anísio Teixeira ficaria pouco tempo no cargo. Até março de 1964. Depois do golpe, foi substituído pelo Zeferino Vaz, que, em 1965, seria substituído pelo Laerte Ramos de Carvalho, dando sequência a uma série numerosa de novos reitores e crises sucessivas.

Mas foi ainda um clima de quase euforia, que ainda perdurou ao longo de alguns meses, o que o Lafetá encontrou dentro da universidade, apesar do golpe de 64, ocorrido um ano antes de seu ingresso na UnB.

Talvez porque ainda não se acreditava que a situação fosse se prolongar tanto. Não sei se por ingenuidade ou por excesso de idealismo, ninguém acreditava mesmo que aquilo tudo iria continuar por muito tempo.

E certo ar de otimismo de vez em quando emergia, deixado pela postura dos que por ali haviam passado. Uma das qualidades do primeiro Reitor Darcy, que não tive o privilégio de conhecer enquanto era reitor, era a de chamar os alunos e alunas para tomar café na Reitoria. Não havia distância entre o cargo máximo do magnífico e as turmas de alunos que entravam e saíam dali num à vontade como nunca vi, em lugar algum. Nem ali, nem em outras universidades do Brasil e, muito menos, de fora do Brasil.

Parece que essa possibilidade de compartilhar espaços em paz era regra naqueles tempos. Só para completar esse quadro, que deixou ecos que ainda



repercutiram, ainda que discretamente, ao longo dos fatídicos anos pós-64, período que foi experimentado pelo Lafetá, recorro a alguns fatos que considero significativos.

No início dos anos 1960 o Juscelino Kubitschek era sempre visto na carroceria de caminhão, visitando o grupo Julia Kubitschek, onde minha mãe trabalhava como professora, antes de ir praticamente montar a secretaria de Educação de Brasília, da Fundação Educacional, onde trabalhou, ora como chefe de gabinete do secretário, ora como assessora técnica, até se aposentar. Era assim, em carroceria de caminhão, que o JK percorria as vias empoeiradas rasgadas no meio do cerrado.

Essa livre circulação das autoridades em espaço público complementava-se pela livre circulação do povo nos espaços oficiais do governo. Pelo menos em algumas ocasiões especiais. Foi o que aconteceu, por exemplo, quando lá chegaram os jogadores de futebol depois da copa de 1962. A casa do Presidente Jango Goulart foi aberta ao público, na Granja do Torto. Todo mundo que lá quisesse ver os jogadores, entrava, sem mostrar documento. É lógico que eu estava lá. Ao rodear a casa, olhei por uma janela e vi, a dois metros de mim, a dona Tereza Goulart penteando os cabelos, em frente a uma penteadeira antiga daquelas que têm três espelhos ovais. Se eu quisesse, poderia pôr os meus cotovelos no batente da janela e com ela bater um papo, como uma certa dona Mariquinha e dona Cota costumam fazer num dos casarões em algum bairro de Montes Claros...

As pessoas que foram para Brasília tinham os olhos voltados para um horizonte aberto e rico de novas perspectivas. Acredito que tenha sido o horizonte antevisto pelo Lafetá. Mas essa festa acabaria logo. E muita água rolaria até 1984, quando Cristóvão Buarque seria eleito para a reitoria depois de processo de abertura iniciado no final da década anterior.

Quando conheci o Lafetá, portanto, esses anos de euforia já se haviam passado. Éramos alunos do mesmo curso de Letras, numa área que se chamava Estudos Brasileiros. E nos aproximamos de modo normal, como colegas de sala. Impossível aproximar-se do Lafetá de sopetão, de repente, de



modo abrupto. Houve uma aproximação regular mas lenta, cuidadosa, respeitosa. Porque assim era o Lafetá. Esse era o seu ritmo, que ele naturalmente sabia impor.

Não se abria numa primeira conversa e, por vezes, não se abria nunca! Mas quando engatilhava uma amizade, aí era coisa para valer, sincera, autêntica, firme e duradoura. Assim foi a nossa. Durou até quando foi possível durar.

Não me lembro do nosso primeiro encontro. Não me lembro quando vi o Lafetá pela primeira vez. Deve ter sido em sala de aula. Talvez no auditório, onde eram dadas as aulas do curso básico para um público maior.

Lembro-me bem, sim, da primeira vez que vi um certo professor de Recife, chamado João Alexandre, João Alexandre Barbosa, que aos 26 anos chegava à Universidade para dar aulas, todo garboso no seu terno azul marinho escuro, vasculhando o *campus* com um olhar que seguia o movimento do seu corpo fazendo uma curva de 180 graus, como câmera que quisesse fixar os detalhes de uma paisagem ainda inacabada, em meio a edifícios plasticamente, no meu entender, deslumbrantes, que seriam, a partir desse momento, sua morada profissional. E que lá ficaria por pouco tempo, já que faria parte da lista dos duzentos e tantos professores que haveriam de pedir demissão conjunta, durante uma das piores crises da UnB.

Mas me lembro do Lafetá dentro da sala de aula. Quietos, sem falar uma palavra, nem antes nem depois das aulas. Concentradíssimo. Ouvindo. Simplesmente ouvindo. Sem tomar nota de nada. Absolutamente de nada.

Guardava tudo na memória. Memória prodigiosa. E assim seria também nos cursos que fizemos juntos na USP, no início dos anos 1970. Ficava em silêncio: um silêncio de quem pensa, de quem sabe o que está pensando. E constrói ideias. **O silêncio sábio do Lafetá.**

Nem me lembro do Lafetá batendo papo nos gramados que circundavam os prédios dos cursos de Letras, nos anexos perto do prédio da Reitoria. Nesses espaços entre os três prédios – Reitoria e dois anexos – é que ficávamos nós, conversando. Nessa época não havia ainda o Minhocão, onde



atualmente funciona o curso de Letras, que, pronto, naquela época passou a abrigar apenas os cursos de Exatas.

Nesses espaços vazios de Brasília, que esculpem as formas geométricas dos edifícios, grande recurso responsável pela beleza estética dos edifícios, estendiam-se quilômetros de chão vermelho, poeira, que foi ganhando paulatinamente o tom verde de grama, como um tapete que se estendia para receber os alunos nos intervalos das aulas, sob um céu iluminado.

Pois nunca vi o Lafetá por ali. Vi, sim, inúmeras vezes, o Lafetá passando pela passarela que ligava um edifício, o da Reitoria, ao outro, o do anexo. Passava lentamente, compassadamente, pisando alto, seguro, na elegância de rapaz magro, moreno, irradiando equilíbrio e o que eu desconfiava ser uma contensão.

Os encontros que tive com o Lafetá aconteciam nos porões do anexo, onde trabalhávamos como monitores. Num dos semestres, ensaiando para onde iria; fui bolsista de teoria da literatura, que contava, entre os professores, com um Oswaldino Marques, Cyro dos Anjos, Cassiano Nunes.

Lafetá frequentou a oficina de literatura dirigida pelo Cyro dos Anjos, tão fisicamente semelhante ao Lafetá, na sua elegância magra, altiva, morena e discreta. Depois não nos encontramos mais aí. Eu, que já tinha passado pela monitoria da Língua Portuguesa com o linguista Nelson Rossi, e pela teoria literária, escolhia então os barracões de madeira, logo à frente desse mesmo prédio, para ser monitora do Agostinho da Silva.

Os encontros aconteciam mais frequentemente nos corredores, entre as aulas, ou nas efervescentes reuniões de Diretório de Letras, em que eram apresentadas as coordenadas de ação. Que se resumiam a uma pauta cheia, com itens todos referentes à programação das próximas passeatas.

Lafetá era o presidente do Diretório de Letras. Não fugiu à regra. Quase todos os diretórios dessa época estavam nas mãos dos alunos mineiros. Eu era tesoureira. E desempenhei minhas funções com muita eficiência, ainda que durante todo o tempo de minha gestão não tivesse visto a cor de um só tostão... Os cofres sempre estiveram totalmente vazios.



Mas o clima era terrível. Muita violência no ar, nos corredores, nas imediações da universidade, nos locais de passeata, nas delegacias e prisões. Perdi alguns amigos. E vi cenas chocantes. E só fui conseguir falar sobre esse assunto muitos anos depois. Publicamente, por causa do Lafetá. Devo a ele esse empurrão que me tirou do silêncio. Foi por ocasião de uma homenagem que foi feita ao Lafetá na USP, em São Paulo.

A sensação de haver sobrevivido sem dano físico de maior monta gerou uma espécie de culpa, de que se culpava o Lafetá. E foi marca dessa nossa geração de sobreviventes que testemunharam grandes crimes e desastres políticos.

Como o das invasões da universidade.

Foram muitas as invasões da universidade a partir de 1964. Não me lembro exatamente das datas. Mas foram regulares. Numa delas, logo depois da revolução, ficamos sem poder entrar nas salas de aula, interditadas por algum tempo.

No ano seguinte, em 1965, quando, pois, o Lafetá já estava lá, a crise adquiriu proporções maiores e decisivas. Numa das invasões, nós, alunos, e professores, fomos tirados da sala de aula por soldados armados com metralhadoras. Nesse momento eu estava tendo aula com Sílvio Elia, professor de língua portuguesa, que seria paraninfo da minha turma, dois anos depois. Colocaram todos em fila, inclusive o professor, com mãos ao alto, todos nós elevados à categoria de bandidos, à mercê do aparato bélico militar, numa clara tentativa de intimidação.

Noutra ocasião, quando saía do edifício da Reitoria, antes de descer a rampa, ouvi barulho de tiros. Só ouvi uma voz, gritando: - Abaixei! Eu me joguei no chão, e antes, por um segundo, vi homens à paisana atirando, a esmo, na direção do prédio onde eu estava, enquanto empurravam um estudante para uma perua. Depois me disseram que o estudante era o Honestino Guimarães, que seria novamente preso, torturado e praticamente destruído pela polícia algum tempo depois. Eu só me lembro que fui me arrastando pelo chão até dentro do prédio. Desse dia eu não me lembro de mais nada.



Foi quando as demissões começaram a empipocar. Primeiro, aos poucos. Eram dois ou três. Depois a lista aumentou. Parece que foram uns 15. Até que os professores se rebelaram. Numa assembleia, no auditório da Faculdade de Música, eu me lembro de conversar, na porta, com um dos meus professores, o João Alexandre Barbosa, preocupado, mas firmemente convicto de que não havia nada a fazer a não ser um pedido coletivo de demissão, que seria aprovada nessa mesma assembleia, alguns minutos depois. Eram mais de 200 professores. Alguns mencionam 223. Como ao todo havia uns 300, lá ficaram não mais que 80. A universidade toda ficou reduzida a cerca de 80 professores.

Esse foi o desfecho de um processo que vinha se acentuando. A impressão que tenho, como testemunha desse dia fatídico, é que a Universidade nunca haveria de se recuperar. Pelo menos a nossa, de Letras. Tenho essa triste sensação toda vez que volto à Universidade. Tomara que eu esteja errada!

Não estava na universidade na invasão de 1968, após prisão do Honestino Guimarães, quando detiveram cerca de 500 pessoas numa quadra de basquete e levaram mais de 60 pessoas presas.

Mas me lembro que numa dessas prisões (e esse fato contei no meu depoimento anterior, em São Paulo), tive notícia do Lafetá preso numa delegacia. Foi depois de uma das inúmeras passeatas. Esta, na Estação Rodoviária de Brasília. No meio da confusão, vi meu namorado ser levado para um camburão. Eu fiquei enfurecida. Revoltada, fiz o que nunca poderia fazer – tentar esmurrar um guarda que arrastava o meu namorado para o carro. Foi quando senti uma mão pesada em cima de mim me arrastando em direção contrária. Era meu pai.

Desde esse dia fiquei sabendo que, em dia de passeata, meu pai não trabalhava. Ia também para os locais marcados e ficava de tocaia, me vigiando, escondido ‘para não tolher minha liberdade’ – essas palavras foram dele. Porque sabia que quando levavam alunos para a delegacia, nem sempre avisavam parentes. E às vezes as pessoas ficavam sumidas durante dias. E por vezes não apareciam nunca mais.



Meu pai era advogado. E foi requisitado por mim várias vezes para tirar amigos e colegas meus da prisão. Nesse dia, depois de me deixar em casa, lá foi ele para a delegacia. Essa foi a primeira vez que ele viu o Márcio, meu marido. Foi assim que meu pai conheceu seu futuro genro: numa cela de delegacia em Brasília. E na cela estava também o Lafetá. Foram liberados. E depois perguntei ao Márcio como Lafetá se comportou lá, preso. E a resposta nem poderia ser outra. Quietos, sentado num canto da sela. Sem falar nada. Quietos o tempo todo. Em silêncio. **O silêncio comido do Lafetá.**

Naquela época não líamos os textos, uns dos outros. Cada um cuidava de si: dar conta do recado fazendo os trabalhos de praxe exigidos nos cursos e na programação prevista para monitores. Essa troca começaria em São Paulo, já nós dois como alunos do curso de Pós-Graduação, em 1969. Antes de vir para São Paulo ficaria um ano como instrutora da Universidade de Brasília. Viria em 1969. Mesmo ano em que o Lafetá, já formado, viria para São Paulo.

Nesse ano nos encontramos por acaso no viaduto da Amaral Gurgel, perto da Igreja da Consolação. Eu, indo para a Maria Antônia, onde morava. Ele, indo não sei para onde.

Nessa altura, ele me disse que trazia uma carta de apresentação do Cyro dos Anjos ao Antonio Candido. Eu lhe disse que estava cursando a Pós orientada pela Maria Aparecida Santilli e tinha perspectiva de dar aulas de literatura portuguesa na USP.

Ao longo desses anos, fomos colegas do curso de pós na USP. Em seguida, fomos colegas como professores das Letras na USP. Encontramo-nos várias e várias vezes, sobretudo no clubinho dos professores. Em São Paulo parece que o Lafetá ficou mais falante. Mas sem abdicar dos seus prolongados silêncios – sua marca registrada.

E... last but not least... devo dizer uma coisa mais: o Lafetá era um homem muito sedutor. E eu conhecia algumas das suas namoradas. Algumas vieram se consolar comigo, depois da separação. Uma delas, depois de um final de namoro triste, diria eu dramático, se mandou para a minha casa, em Belo Horizonte. Eu trabalhei na UFMG e PUC de MG durante dois anos,



quando licenciada da USP. E em seguida ainda viajei durante alguns anos para dar aula em São Paulo, com família morando em Belo Horizonte, o que me custou três sérias crises de estresse.

Pois essa moça ficou hospedada lá na minha casa para... tentar curar dessa dor de cotovelo. Eu recebi a moça amiga com carinho, ouvi, consolei. Mais ouvi que consolei. Ou consolei simplesmente ouvindo. Sei que o Lafetá não tem nada com isso, quer dizer, tem, mas não é responsável por esse período de convalescença amorosa da moça. Mas que sobrou pra mim, sobrou!

Ah, o Lafetá destroçou alguns corações! Eu entendo as razões: atribuo ao seu silêncio. **O silêncio charmoso do Lafetá.** Que lhe dava certo ar de mistério, talvez de mineiro incruado no meio dos montes gerais, dos montes claros, num mundo em que reinava como senhor absoluto das intimidades resguardadas, imune ao pernosticismo do parecer como se fosse o que sabe, o que dita, o que brilha.

Segurava o seu cigarro à Humphrey Bogard, sugerindo ter ideias sensatas e criativas, a cada baforada... E, pelo menos aparentemente, emitindo palavras bem dosadas, com economia de meios: nem para mais, nem para menos. As palavras pareciam surgir sempre prontas, sem exigir retoque nem precisar de revisão... E o alvo crítico era sempre certo, envolvido de digna retidão e de madura serenidade.

Além disso, sabia segurar a corda da vibração deixando assuntos inacabados, pendentes, suspensos... Quantos assuntos suspensos, com promessas de novas conversas... sendo que, algumas, não aconteceram. Uma delas sobre meu livrinho *Teoria do conto*.

Várias vezes ele chegou perto de mim e elogiou o livrinho. Mas dizia: Vamos conversar sobre o seu livro. A gente se encontrava. Conversava sobre tudo. E nada da conversa sobre o livrinho. E assim aconteceu várias vezes. Essa ele partiu me devendo... E eu fiquei aqui a pensar nas possíveis críticas que poderia ter feito ao livro e que não fez.



Mas das frases todas do Lafetá, a que mais me marcou foi a que ouvi dele depois do AI-5, cuja data ele fazia questão de repetir sempre, pois eu mesma ouvi dele, muitas vezes: 13 de dezembro de 1968 – como se fosse um epitáfio dos nossos sonhos desses tempos de Brasília.

E é com essa frase que ele, convicto, repetia, já em São Paulo, que eu termino essas considerações. A frase é a seguinte: “Meu sonho de professor universitário acabou. Sou um funcionário público. E nada mais.”

Eu me lembro sempre dessa frase do Lafetá. E do quanto o sonho de uma nova universidade acabou mesmo, logo, tão logo depois de haver começado.

Nádia Battella Gotlib é mestre, doutora e professora livre-docente pela Universidade de São Paulo, onde deu aulas de Literatura Portuguesa e Literatura Brasileira. Atualmente é professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação de Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa da USP. E é também pesquisadora sênior do CNPq. Já ministrou cursos e seminários em várias Universidades brasileiras e estrangeiras (entre outras, Universidades de Oxford e de Buenos Aires). Foi coordenadora do ‘GT A mulher na literatura’ da ANPOLL. Orientou dezenas de trabalhos de Pós-Graduação. E publicou 11 livros, entre eles, *Teoria do conto* (São Paulo, Ática, 1985); *Tarsila do Amaral, a modernista* (São Paulo, SENAC, 1998); *Clarice, uma vida que se conta* (São Paulo, Ática, 1995; em edição revista: São Paulo, Edusp, 2009; em espanhol: trad. Alvaro Abós, Buenos Aires, Adriana Hidalgo, 2007); *Clarice Fotobiografia* (São Paulo, Edusp/ Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2008). Organizou o volume: Elisa Lispector, *Retratos Antigos* (Belo Horizonte, editora UFMG, 2011).